
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

LAVÍNIA FERREIRA DO AMARAL GURGEL

**A EDUCAÇÃO NO “DICIONÁRIO DAS
MULHERES DO BRASIL”: ANÁLISE DA
FORMAÇÃO PROFISSIONAL FEMININA EM
QUATRO ÁREAS PREDOMINANTEMENTE
MASCULINAS**

LAVÍNIA FERREIRA DO AMARAL GURGEL

A EDUCAÇÃO NO "DICIONÁRIO DAS MULHERES DO
BRASIL": ANÁLISE DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL FEMININA EM
QUATRO ÁREAS PREDOMINANTEMENTE MASCULINAS

Orientador: Professor Drº Jorge Luís Mialhe

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto
de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do
grau de Licenciada em Pedagogia

Rio Claro
2019

G979e

Gurgel, Lavínia Ferreira do Amaral

A educação no "Dicionário das mulheres do Brasil": análise da formação profissional feminina em quatro áreas predominantemente masculinas /

Lavínia Ferreira do Amaral Gurgel. -- Rio Claro, 2019

67 p. : il., fotos + 1 CD-ROM

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro

Orientadora: Jorge Luís Mialhe

1. História da educação feminina. 2. História das mulheres. 3. Formação profissional feminina. 4. Personalidades femininas do século XX. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Dedico essa pesquisa para toda a minha família, ao meu namorado, e a todos que de alguma forma me ajudaram nesse processo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pelo caminho que me possibilitou, que me trouxe até a educação e a oportunidade de estudar na Unesp. E pela força que me deu para chegar até aqui.

Aos meus pais Sidney e Nádia, meus irmãos Lucas e Leonardo por terem me ajudado e apoiado durante esses anos de graduação, me dando todo o suporte necessário. Agradeço todos meus familiares que participaram do meu processo e sempre torceram por mim. E minha tia Carolina, que me ajudou com conselhos durante o processo.

Ao meu namorado, que está presente em todos os momentos, me incentivando a continuar e oferecendo apoio de diversas formas. Agradeço por tornar minha jornada mais fácil.

Aos professores do curso que estavam sempre dispostos a transmitir o seu melhor, e que possibilitaram inúmeras reflexões e aprendizagens. Ao meu orientador, que me ajudou durante o processo do trabalho.

As minhas colegas de profissão que tive o prazer de trabalhar aos seus lados, onde aprendi um pouco com cada uma, e sempre me incentivaram e demonstraram preocupação.

As minhas amigas que a graduação me presenteou, onde foram extremamente importantes para a minha trajetória. Sem vocês, meu caminho teria sido mais difícil. Agradeço por terem feito parte dessa minha caminhada.

As minhas amigas que a vida me deu e minha prima Geórgia que entenderam minhas ausências durante esses anos, e mesmo assim, continuaram do meu lado, trazendo animo para meu caminho.

Agradeço a todos que estiveram envolvidos durante meus anos de estudo, e que de alguma forma me ajudou.

“É pelo trabalho que a mulher vem
diminuindo a distância que a
separava do homem, somente o
trabalho poderá garantir-lhe uma
independência concreta”
(Simone Beauvoir, 1949)

RESUMO

Essa pesquisa busca investigar as mulheres que se destacaram em áreas profissionais na História do Brasil, enfocando naquelas que se sobressaíram profissionalmente em áreas predominantemente masculinas. Para que essa pesquisa fosse realizada, optou-se pela leitura na íntegra da obra *Dicionário das Mulheres do Brasil*, de autoria de Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil, publicado no ano de 2000. A escolha desse livro para a primeira parte da pesquisa deu-se devido esta publicação descrever 806 verbetes biográficos, dados pessoais, fatos e processos sociais relativos às mulheres com destaque profissional, reunindo informações desde o século XVI até o ano em que foi publicado, revelando mulheres pioneiras em muitas áreas, e abordando questões sobre o percurso histórico que a mulher brasileira passou ao longo dos séculos na sociedade patriarcal. A argumentação dos autores é que se deve cultivar a memória das mulheres, pois não se pode banalizar ou esquecer o esforço que elas tiveram, e ao ficarem inconformadas com suas condições de vida e trabalho, lutaram contra situações adversas que lhes eram oferecidas, optando por áreas laborativas que antes não eram permitidas ao público feminino. A segunda parte da pesquisa bibliográfica focou sobre quatro mulheres que se destacaram em áreas majoritariamente masculinas, analisando os casos das seguintes mulheres: Ester de Figueiredo Ferraz, Lily Lages, Niéde Guidon, Victória Rossetti, assim como suas biografias e contribuições nas seguintes áreas de atuação: direito, medicina, arqueologia e agronomia, respectivamente, e como elas conquistaram seus espaços na sociedade patriarcal brasileira do século XX.

Palavras-chave: História da educação feminina. História das mulheres. Formação profissional feminina. Personalidades femininas do século XX.

ABSTRACT

This research seeks to investigate women who have excelled in educational areas in Brazilian History, focusing on those who excelled professionally in predominantly male areas. For this research to be carried out, it was decided to read the full *Dicionário das Mulheres*, authored by Schuma Schumacher and Érico Vital Brazil, published in 2000. The reason this book was chosen for the first part of the research was because the publication describes 806 biographical entries, personal data, facts, and social processes, related to professionally prominent women, gathering information from the 16th century to the year it was published, revealing pioneer women in many areas, and addressing questions about their path through the centuries Brazilian women spent in a patriarchal society. The purpose of the authors is that the memory of women should be preserved, because it cannot be trivialized or forgotten that their efforts, when not conforming to their living and working conditions, fought against the adverse situations offered to them, choosing areas previously not allowed to the female public. The second part of the bibliographic research focused on four women who stood out in most male areas, analyzing the cases of the following women: Ester de Figueiredo Ferraz, Lily Lages, Niéde Guidon, Victoria Rossetti, as well as their biographies and contributions in their respective areas: law, medicine, archeology and agronomy, respectively, and how they conquered their spaces in a patriarchal society Brazilian in twentieth-century.

Keywords: History of education female. History of women. Female vocation training. Twentieth-century female personalities.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPDOC – FGV: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.

MEC: Ministério da Educação e Cultura.

USP: Universidade de São Paulo.

ESALQ: Escola Superior de “Agricultura Luiz de Queiroz”.

IAB: Instituto dos Advogados do Brasil.

CFE: Conselho Federal de Educação.

OSN: Orquestra Sinfônica Nacional.

FUNTEVÊ: Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa.

DSI: Divisão de Segurança e Informação.

SNI: Serviço Nacional de Informação.

CRUB: Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

ANDES: Associação Nacional de Docentes de Ensino Superior.

ABORL-CCF: Associação Brasileira de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial.

FAMEB: Faculdade de Medicina da Bahia.

CNRs: Centre National de la Recherche Scientifique.

CNPq: Centro Nacional de Pesquisas Científicas.

INRA: Instituto Nacional de Pesquisas Agronômicas

IOVC: Organização Internacional de Virologistas de Citros.

FAO: Organização das Nações Unidas para a Agricultura.

ALAF atualmente **ALCA:** Associação Latino Americana de Fitotecnia.

SPF: Sociedade Brasileira de Fitopatologia.

OAB: Ordem de Advogados do Brasil.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

INBEC: Faculdade de Pós-Graduação.

FAPESP: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

FUMDHAM: Fundação Museu do Homem Americano.

UNIVASF: Universidade Federal do Vale do São Francisco.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Ester de Figueiredo Ferraz. Página 29.

Imagem 2: Lily Lages. Página 37.

Imagem 3: Niéde Guidon. Página 44.

Imagem 4: Victória Rossetti. Página 51.

Imagem 5: Ester de Figueiredo Ferraz, primeira mulher a ocupar o cargo de ministra no Brasil. Página 65.

Imagem 6: Lily Lages junto com o irmão José, também estudante de medicina. Página 65.

Imagem 7: Niéde Guidon na caverna da Toca do Antonião, Serra da Capivara – Piauí. Página 65.

Imagem 8: Victória Rossetti, pioneira nos estudos sobre doenças em plantas cítricas. Página 66.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA MULHER	17
2 CATALOGAÇÃO DAS PROFISSÕES: DICIONÁRIO DAS MULHERES DO BRASIL	23
3 ESTUDO BIOGRÁFICO	28
3.1 Ester de Figueiredo Ferraz	29
3.2 Lily Lages	37
3.3 Niéde Guidon	44
3.4 Victória Rossetti	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
ANEXO	65

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa de cunho bibliográfico e documental, visa compreender a contextualização histórica das mulheres no país, mostrando como era a atuação delas na sociedade, e como isso se desenvolveu. O estudo também apresenta uma pesquisa biográfica sobre quatro mulheres que se destacaram em áreas profissionais majoritariamente masculinas, analisando os casos das seguintes mulheres: Ester de Figueiredo Ferraz, Lily Lages, Niéde Guidon, Victória Rossetti, assim como suas biografias e contribuições nas respectivas áreas de atuação: direito, medicina, arqueologia e agronomia, respectivamente e como elas conquistaram seus espaços na sociedade do século XX, no Brasil.

A escolha dessa temática surgiu a partir de questionamento pessoais, após algumas situações que foram vividas, nas quais foram detectados muitos casos de diferenças sociais que são impostas às mulheres, além de ser um assunto atual e relevante.

A história das mulheres não é uma temática que vem sendo estudada e explorada há muito tempo, uma vez que, segundo Diane Elam (1997), a História é sempre contada por “grandes homens”. (apud SILVA, 2008, p. 223). Ela também foi ocultada, pois as mulheres eram “quase sempre remetidas ao papel de súbditos”, segundo Georges Duby e Michelle Perrot. (1990, p. 7).

No entanto, esse objeto de pesquisa despertou visibilidade a partir da década de 1970, quando o movimento feminista começou a se destacar, trazendo interrogações sobre a história das mulheres e suas memórias. Esse fenômeno desencadeou essas histórias, cujas quais começaram a serem reveladas e pesquisadas, trazendo teses e pesquisas sobre o assunto.

A partir dessa temática, os autores Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil, escreveram o *Dicionário das Mulheres do Brasil*, com o objetivo de valorizar e evidenciar diversas mulheres que foram importantes na História do

Brasil, trazendo informações sobre muitas que tiveram destaque profissional em áreas consideradas “não femininas”¹, porém ocultas em nossa História.

Com base na leitura e análise dessa obra, a pesquisa terá como enfoque a formação profissional feminina, identificando e analisando as dificuldades que elas tiveram para poder estudar e exercer suas profissões, visto que as mesmas possuíam pouca liberdade e acesso restrito à educação, pois o seu principal papel social, era a maternidade. (GALVÃO; LOPES, 2010, p. 12). Conforme as autoras:

A mulher era considerada herdeira de pecados da carne e da cobiça, monstro portador de suores úmidos, um ser capaz de loucuras e atrocidades quando não regulado (no sentido biológico e social). Por isso, ela deveria ser vigiada de perto; sua sexualidade, seus anseios e seus desejos deveriam ser convertidos a uma só meta: a maternidade. A maternidade, destino biológico do ser mulher, passa a ser domínio das culturas que ditam as regras sob as quais deve ser exercida, pelas próprias mulheres, mas também pelos homens e instituições (GALVÃO; LOPES, 2010, p.62).

Esse papel social também foi abordado pelos autores Georges Duby e Michelle Perrot, que afirmaram que as mulheres eram “votadas ao silêncio” da reprodução materna e doméstica [...] que não merece ser quantificada nem narrada” (DUBY; PERROT, 1990, p.7). Essa desvalorização das mulheres se dava pela divisão do trabalho entre os homens e elas, uma vez que homens exerciam a dominação econômica sobre a mulher, e elas só eram valorizadas pela quantidade de filhos que pariam.

A partir desses fatos, esse trabalho irá mostrar “o esforço individual e coletivo [...] de brasileiras que, inconformadas com sua condição, se rebelaram contra a situação estabelecida [...] lutando pela transformação das regras impostas ao feminino”. (SCHUMAHER; BRAZIL, 2000, p. 10)

Com base nessa mudança que foi ocorrendo a partir das lutas das mulheres, onde a partir delas, elas foram ganhando seus espaços na sociedade, a questão problema que envolve esse trabalho é a identificação e a análise de determinados cursos de formação profissional, dominados por

¹ Neste trabalho, serão consideradas por áreas “não femininas” aquelas que antes da valorização da mulher no mercado de trabalho, eram ocupadas majoritariamente por homens.

homens que aos poucos foram abrindo-se para a frequência feminina, além da contextualização da história das mulheres na sociedade. O objetivo dessa pesquisa é destacar as mulheres que se sobressaíram em áreas profissionais majoritariamente masculinas no Brasil. Nesse sentido, foram escolhidas as trajetórias de formação acadêmica e profissional de quatro mulheres indicadas anteriormente, onde as mesmas buscaram garantir seus direitos e lutaram pela liberdade de escolher os cursos nos quais tinham interesse, e neles ingressarem em pé de igualdade com os homens.

Para que houvesse um entendimento acerca do significado do termo profissão para ser possível realizar a pesquisa, foi usado a definição da professora Franzoi, onde:

[...] na sociologia anglo-americana, o termo (*profession*) é reservado para as profissões ditas sábias, ou seja, que pressupõem formação universitária, distinguindo de *occupations* – o conjunto de empregos. (FRANZOI, 2006).

A primeira etapa da pesquisa foi compreender a contextualização histórica das mulheres no país, mostrando como era a atuação delas na sociedade e como isso se desenvolveu. Sendo apresentado esse ponto no primeiro capítulo do presente trabalho.

Após a contextualização, a segunda etapa é a realização da leitura na íntegra do *Dicionário das Mulheres do Brasil*, 2000, de Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil, fazendo a catalogação de atividades remuneradas ou não remuneradas a partir de 806 verbetes contidos na obra, com as informações expostas em gráficos. Essas informações estarão presentes no segundo capítulo. Dentre as mulheres apresentadas nos gráficos, poderá ser identificado aquelas que se destacaram em áreas predominantemente masculinas.

A terceira etapa será a pesquisa biográfica de quatro mulheres que se sobressaíram e foram importantes dentro do seu campo de atuação profissional, as mulheres selecionadas a partir da leitura da obra, são: Ester de Figueiredo Ferraz, professora de direito penal e primeira mulher a ocupar um ministério; Lily Lages, médica; Niéde Guidon, arqueóloga e Victória Rossetti,

agrônoma. A escolha dessas quatro personalidades, se deu por elas possuíam uma vida a frente dos seus tempos, desafiando padrões, e estereótipos que eram impostos as mulheres da época. Além de, resumidamente, Ester de Figueiredo Ferraz e Lily Lages serem pioneiras em aspectos relacionados à suas profissões, aspectos esses que serão retratados no capítulo 3, e por Niéde Guidon e Victória Rossetti serem as únicas destacadas em suas áreas profissionais no *dicionário*. Essas informações estarão citadas no terceiro capítulo da pesquisa.

As três etapas descritas acima foram realizadas por meio de pesquisas bibliográficas, em artigos, teses, trabalhos, investigação na base de periódicos do Scielo (onde foi encontrado um artigo sobre a vida de Victória Rossetti, utilizado na redação da sua biografia) e demais periódicos, utilizando as palavras chaves: mulheres no mercado de trabalho, história das mulheres e educação das mulheres; além de pesquisas em arquivos on-line como o CPDOC-FGV (no qual foram encontrados trabalhos sobre a vida de Ester de Figueiredo Ferraz e Niéde Guidon), dos jornais “O Estado de S. Paulo” e “Folha de S. Paulo”, o site do MEC (utilizado também como fonte para a composição da biografia de Ester de Figueiredo Ferraz) e o Arquivo Nacional e a Associação Brasileira de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial (para redigir a biografia de Lily Lages), dentre outras fontes.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA MULHER

Para podermos compreender a trajetória de vida dessas quatro mulheres, é necessário entender como era a sociedade no século XIX e XX, em relação ao sexo feminino, e como elas eram retratadas até meados do século XX.

De acordo com Mary Del Priore, os estudos sobre as mulheres foram se ampliando devido a elas, uma vez que eles acompanham os movimentos de esforços que elas vêm fazendo dentro da sociedade, tanto no âmbito da economia, como na política e na intelectualidade, antes reservados aos homens. (DEL PRIORE, 1994, p. 10).

A mesma autora, traz o seguinte cenário de como as mulheres eram vistas na sociedade:

A mulher na história do Brasil tem surgido recorrentemente sob a luz de estereótipos, dando-nos enfiada ilusão de mobilidade. Auto-sacrificada, submissa sexual, e materialmente e reclusa com rigor à imagem da mulher de elite opõe-se a promiscuidade e a lascívia da mulher de classe subalterna, pivô da miscigenação e das relações inter-técnicas que justificaram por tanto tempo a falsa cordialidade entre colonizadores e colonizados. (DEL PRIORE, 1994, p. 11).

As mulheres sempre receberam papéis na história, por representações e ideais masculinos, onde elas só teriam uma imagem benéfica quando estavam dentro de um casamento, cumprindo o seu papel de mãe e sendo submissa ao seu marido. Quando elas tentavam sair desse estereótipo de vida privada, indo para a participação política, eram mal vistas, sendo representadas como adúlteras e feiticeiras, se tornando um mal para a sociedade. (DEL PRIORE, 1994, p. 12).

As mulheres quando pensavam em nunca se casar, pensavam que teriam um destino horrível. Uma vez que para a maioria das jovens, o casamento significava uma empresa cada dia mais urgente, e elas começavam a pensar muito mais no casamento, do que no amor. (BEAUVOIR, 1967, p.106).

O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser. (BEAUVOIR, 1967, p. 165).

Sobre o casamento das famílias ricas e burguesas, segundo Mary Del Priore é usado como um degrau de ascensão social e manutenção do status, onde a partir dele, as mulheres ganhavam uma nova função, sendo contribuição para o projeto familiar de mobilidade social através de sua postura nos salões, como anfitriãs. (PRIORE, 2001, p. 229).

Mulheres casadas ganhavam uma nova função: contribuir para o projeto familiar de mobilidade social através de sua postura nos salões como anfitriãs e na vida cotidiana, em geral, como esposas modelares e boas mães. (PRIORE, 2001, p. 229).

Dentro do casamento, se reforça que os cuidados e a supervisão das mães passam a serem muito valorizados, ganhando a ideia de que o cuidado da primeira educação dos filhos é importante que ocorra a partir da mãe, não deixando eles simplesmente soltos “sob influências de amas, negras ou “estranhos”, “moleques” da rua”. (PRIORE, 2001, p. 229).

Com essa visão de ser uma boa mãe, começam a associar o magistério como responsabilidade da maternidade, iniciando a construção da figura da mulher como elemento específico para essa atividade, pois “o que mais pesava no papel feminino, era a obrigação de educar os filhos”. (CUNHA; SILVA, 2010, p. 102).

Em relação a educação que era oferecido a elas, a autora Simone Beauvoir retrata o que era proposto na educação das meninas, desde a educação dos filhos, como seu comportamento, o andar de maneira graciosa, e a arte de seduzir. Educando as meninas, para que elas não percam sua feminilidade. (BEAUVOIR, 1967, p. 23).

Com isso, os autores Washington Dener dos Santo Cunha e Rosemaria J. Vieira Silva, trazem a oferta de educação para as mulheres, onde nas maiorias dos casos, mantinha-se a tradição, e a educação delas eram

preocupação da família. Com a criação das escolas régias, trazia uma nova perspectiva para as meninas, porém, o ensino só poderia acontecer com professores do mesmo sexo, o que acabava se tornando um círculo vicioso, uma vez que para se tornar educador, passava-se por um concurso, onde se era cobrado o domínio da leitura, escrita e as quatro operações, e as mulheres possuíam dificuldades em passar nesses concursos, justamente pela educação que elas recebiam. Sendo assim, as mulheres não tinham uma professora qualificada para ampliarem seus conhecimentos, e gerarem um número maior de classes. (CUNHA; SILVA, 2010, p. 99).

Com esse desfalque na educação feminina, quando elas se casavam com um homem bem-sucedido, elas abandonavam suas músicas e seus estudos. Pois era natural elas não buscarem seus próprios espaços na sociedade, diante dos preconceitos que sofreriam e pelo motivo da desigualdade na sociedade. (BEAUVOIR, 1967, p. 108):

É natural que não procure criar por si mesma seu lugar no mundo [...]. Enquanto não houver uma perfeita igualdade econômica na sociedade e enquanto os costumes autorizarem a mulher, como esposa ou amante, a aproveitar-se dos privilégios de certos homens, o sonho de um êxito passivo continuará e ela freará suas próprias realizações. (BEAUVOIR, 1967, p. 108).

No entanto, segundo Cunha e Silva (2010, p.100) apesar disso, a educação delas não eram consideradas tão importante quando a aprendizagem doméstica:

A educação feminina mantinha-se como um privilégio de poucas. Grande parte das mulheres continuava à margem do processo de alfabetização, havendo muita diferença em relação à maioria dos homens livres pobres. Aos responsáveis pelas meninas bastava apenas o aprendizado das prendas domésticas mais do que a leitura e a escrita, portanto a educação escolar era vista como elemento de segunda necessidade para os pais das meninas pobres – a preocupação fundamental era de que as meninas arrumassem um bom casamento. Já a educação das meninas de famílias mais abastadas se dava na própria casa, uma vez que os pais

pagavam um preceptor e acompanhavam todo o processo educativo. (CUNHA; SILVA, 2010, p.100).

De acordo com os autores, por mais que as mulheres possuísem acesso à educação, ela não se igualaria à educação ofertada aos homens, pois a prioridade dos ensinamentos delas, eram focados na necessidade de cuidar dos filhos e da casa. Além de existir diferença na educação entre as mulheres ricas e pobres. Onde as pertencentes do primeiro grupo, recebiam ensinamentos nas escolas, já as pobres, eram ensinadas em casa. Apesar de possuírem acesso à educação nas escolas, poucas instituições aprofundavam num ensinamento mais intelectual, continuavam com o “objetivo de preparar a mulher para educar seus filhos”, para exercer o costume da sociedade em criar uma boa mãe, boa esposa e guardiã da família. (CUNHA; SILVA, 2010, p. 100).

Com o casamento sendo considerado a fonte de sucesso das mulheres, segundo Cunha e Silva, não eram todas que tinham dotes para oferecer aos futuros maridos, então o casamento era como um destino, invés de necessariamente algo de referencial valor para sua família. Com isso, aquelas que não eram abastadas começavam a buscar um trabalho, para sustentar a sua família, e mesmo assim, eram vistas como submissas:

Estas mulheres, em grande parte, eram mães solteiras que viviam sozinhas, concubinas que mantinham com a força de seu trabalho suas famílias, ou, então, mulheres que conseguiam dividir as responsabilidades de criação e manutenção dos filhos com seus homens. Eram doceiras, engomadeiras, lavadeiras, prostitutas, costureiras, que andavam pelas ruas sobrevivendo do comércio ambulante, livres, sem serem importunadas, o que era praticamente impensável para as mulheres de classes mais abastadas. O trabalho informal era uma parte da estratégia de sobrevivência das mulheres pobres; ainda que vistas como submissas, estas mulheres tinham atitudes independentes, porém, sua condição sexual tornava-se um agravante para a sua condição social. (CUNHA; SILVA, 2010, p. 102).

Essa desvalorização entre os dois sexos, começam a surgir desde a infância, na relação da família, onde as meninas estavam sempre aos cuidados

das suas mães, amas, rodeadas de figuras femininas, e os meninos já começavam a serem ensinados pelo pai. De acordo com Simone de Beauvoir, “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Onde essa diferenciação entre os meninos e as meninas, começam quando os pais fazem a segregação de atividades, já “implicando imediatamente uma valorização”. (BEAUVOIR, 1967, p. 9 e 13).

[...] o menino tiraria um sentimento de superioridade, sua valorização surge, ao contrário, como uma compensação – inventada pelos adultos e ardorosamente aceita pela criança [...]. Posteriormente, o menino encontrará em seu sexo sua transcendência e sua soberania orgulhosa. (BEAUVOIR, 1967, p.14).

De acordo com Beauvoir (1967, p. 21), a mulher torna-se, devido ao fato de que seus destinos são impostos pela sociedade durante sua infância, enquanto o menino tem a liberdade de se assumir de diferentes maneiras, e a boneca da menina, já a ajuda a desempenhar seu futuro papel:

Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina” é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. (BEAUVOIR, 1967, p. 21).

Na literatura, esse estereótipo sobre as mulheres também era presente, uma vez que eram usados como manuais que ensinavam como se tornar uma mulher de família, e como se comportar. Segundo Beauvoir, a literatura retrata as mulheres a partir dos olhos masculinos, refletindo seu orgulho e seus desejos:

A superioridade masculina é esmagadora [...]. Nada mais tedioso do que os livros que traçam vidas de mulheres ilustres: são pálidas figuras ao lado das dos grandes homens; e em sua maioria banham-se na sombra de algum herói masculino. Eva não foi criada para si mesma e sim como companheira para Adão. (BEAUVOIR, 1967, p. 30).

Segundo Galvão e Lopes (2010, p. 62), a sociedade precisou passar por grandes mudanças para que as mulheres pudessem ter acesso a carreiras profissionais e a seus cursos de formação, que até recentemente lhes eram negadas, sendo a única tarefa direcionada às mulheres era a maternidade e a administração doméstica. Com esse estereótipo pendurou até a segunda metade da década de 1940², quando as mulheres eram vistas como donas de casa e o homem estava inserido no mercado de trabalho. Para mudar essa condição, as mulheres tiveram que lutar pelos seus direitos, e foram as principais responsáveis pelos avanços no campo social de acordo com Schumacher e Brazil (2000, p.10).

A seguir, serão identificadas e mapeadas as profissões exercidas pelas mulheres, referenciadas no *Dicionário das mulheres do Brasil*.

² Data de publicação do livro “O segundo sexo” – Simone de Beauvoir.

2 CATALOGAÇÃO DAS PROFISSÕES: *DICIONÁRIO DAS MULHERES DO BRASIL*

A partir da leitura na íntegra do *Dicionário das mulheres do Brasil*, foi realizado um levantamento acerca das atividades remuneradas e não remuneradas descritas nos 806 verbetes dessa obra, cobrindo o período entre os séculos XVI e XX. Além disso, havia descrições sobre mulheres que se destacaram em suas lutas, como por exemplo: lutar por sua herança. Também existiram personalidades femininas descritas que foram acusadas pela inquisição por lesbianismo, por feitiçaria e bigamia. O *Dicionário* também apresenta movimentos importantes relacionados às mulheres, como Brasileiras na Segunda Guerra Mundial, Participante da Conjuração Mineira, da Guerra do Paraguai, entre outras lutas e movimentos. Porém, essas categorias não entraram na catalogação dos gráficos, apesar da sua importância, pois neste trabalho o enfoque são as áreas profissionais/atuação.

Não foi utilizado o termo profissão nas divisões dos gráficos, pois seguindo a definição da Franzoi, existe uma diferença entre profissão, que está associada à formação acadêmica, e ocupações, que seria o conjunto de empregos, de acordo com a sociologia anglo-americana. Por apresentar mulheres que possuíam seus trabalhos e não tinham formação acadêmica, houve a separação por atividades remuneradas e não remuneradas.

As mulheres que se destacaram em atividades não remuneradas, foram retratadas nos gráficos pelo fato de ser um número grande de mulheres, e por retratar que apesar de não receberem um salário com suas atividades, elas começaram a sair de suas casas, e a exercer uma função na sociedade.

Os gráficos a seguir mostram grupos de mulheres que se destacaram na sua área de atividade, e que foram apresentadas na obra utilizada. Foi realizado uma divisão dos levantamentos por gráficos que apresentam atividades remuneradas e as não remuneradas, em ordem alfabética de atuação.

GRÁFICO 1: Grupo de mulheres que se sobressaíram em suas áreas de atuação nas atividades remuneradas.



Fonte: Schumacher. Brazil, 2000.

A partir do gráfico, pode se ver que o total de mulheres advogadas citadas são 6; agrônoma, antropóloga, arqueóloga, assistente social, cirurgia dentista, corretora de imóveis, costureira, doceira e dramaturga são 1 para cada área; arquiteta, atleta olímpica, dançarina e empresária são 2 para cada área de atuação; aviadora e escultora são 3; engenheira são 5; são 7 para cada área de cientista, compositora e enfermeira; artista plástica são 10; atriz são 24; cantora são 31; escritora são 42 e educadora são 45 mulheres.

O número de mulheres presentes na área de advocacia, agronomia, antropologia, arqueologia, arquitetura e cientista, deixa em evidência a dificuldade que as mulheres possuíam para seguir esses campos de atuação, visto os estereótipos que eram impostos a elas, como dito anteriormente.

O elevado número de mulheres como educadoras, pode estar relacionado a maternidade. Como dito, o que mais era priorizado na vida delas além do casamento, era a criação dos filhos, sendo as mães responsáveis por esse papel. Com isso, começou a associação do magistério com a mulher. Esse fato da história, pode ser associado ao maior número delas nessa área de atuação.

O magistério era representado como uma atividade de amor, de entrega e doação, sendo visto como uma extensão da maternidade. Com isso, as mulheres possuem uma inclinação para o trato as crianças. As mulheres, ansiosas para ampliarem os seus universos, que eram restritas ao lar e a igreja recorriam ao magistério. (PRIORE, 2001, p. 450).

“A partir de então passam a ser associadas ao magistério características tidas como “tipicamente femininas”: paciência, minuciosidade, afetividade, doação”. (PRIORE, 2001, p. 450).

GRÁFICO 2: Grupo de mulheres que se sobressaíram em suas áreas de atuação nas atividades remuneradas.



Fonte: Schumacher. Brazil, 2000.

As áreas de atuação apresentadas nesse gráfico, representam as seguintes quantidades de mulheres por profissão: juíza de futebol, motorista de táxi, novelista, primeira cineasta brasileira, proprietária de imóveis, quitandeira, radioatriz, sexóloga, tenista, urbanista e vivandeira, são 1 mulher para cada área; estilista, fotografa, mascate e pintora são 2 mulheres; são 3 personalidades para promotora e socióloga; historiadora e musicista são 5; operária são 10 mulheres; são 12 para a área de medicina; jornalista são 19; poetisa são 26 e são 44 políticas, como vereadoras, deputadas e prefeitas.

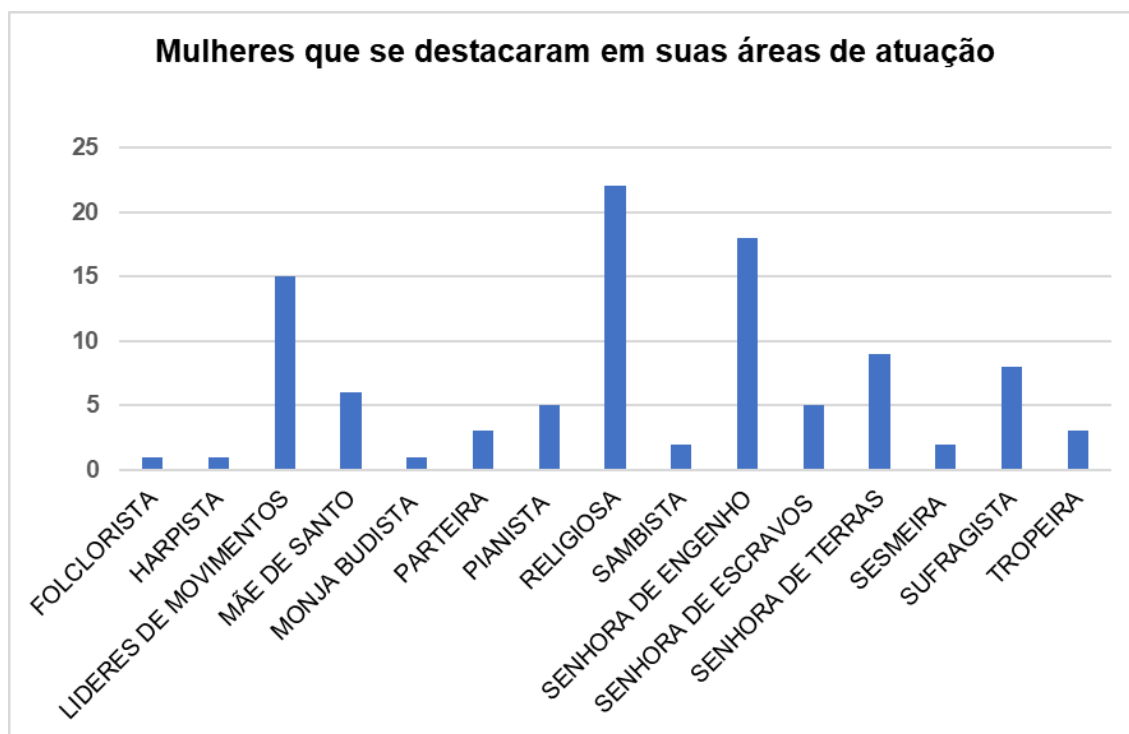
GRÁFICO 3: Grupo de mulheres que se sobressaíram em suas áreas de atuação nas atividades não remuneradas.



Fonte: Schumacher. Brazil, 2000.

A quantidade exata de mulheres bailarinas, bandeirantes, caricaturistas, curandeiras e flautistas registradas na obra são 1; assistencialista, declamadora e delatora são 2; donatária e beata são 3 mulheres; abolicionista e cangaceira são 5; são 7 mulheres fazendeiras; colonizadoras são 49 e ativista são 50. Na categoria de Ativista, se enquadram, ativista política e ativista social

GRÁFICO 4: Grupo de mulheres que se sobressaíram em suas áreas de atuação nas atividades não remuneradas.



Fonte: Schumacher. Brazil, 2000.

A quantidade de mulheres folcloristas, harpista e monja budista são 1 para cada área; sambista e sesmeira são 2; parteira e tropeira são 3 mulheres; senhoras de escravo e pianista são 5; mãe de santo são 6; são 8 mulheres sufragistas; 9 senhoras de terra; líderes de movimento são 15; senhoras de engenho são 18 e 22 mulheres religiosas.

A partir dos gráficos, pode-se perceber, que as profissões que houve maior número de mulheres foram: ativista (59); colonizadora (40); educadora (45); escritora (42) e política (44). E as com menor quantidade de atuação foram, de maneira geral, áreas de predominância masculina, como: advocacia, agronomia; arqueologia; arquitetura; medicina; história; cientista; odontologia; engenharia e sociologia.

A seguir, serão apresentados quatro exemplos de mulheres que atuaram profissionalmente em campos dominados por homens no século XX, abrindo a cominho para outras mulheres que vieram a se dedicar a essas profissões no século XXI.

3 ESTUDO BIOGRÁFICO

A escolha dessas personalidades se deu após pesquisa sobre várias mulheres do *Dicionário das mulheres no Brasil*, portanto, as quatro selecionadas apresentam bastante trabalhos relacionados a elas, e possuíam uma vida a frente dos seus tempos, desafiando padrões, e estereótipos que eram impostos as mulheres da época. A escolha se baseou em uma mulher de cada profissão, variando a área de atuação das quatro. De acordo com a catalogação realizada, as áreas profissionais que elas atuavam, apresentavam um número pequeno de mulheres, dentre o período do *Dicionário das mulheres no Brasil*, do século XVI até 2000, ano de publicação.

Na área de direito foi catalogadas 6 mulheres, dentre elas Ester de Figueiredo Ferraz. A sua escolha se deu pelo motivo dela ter sido a primeira mulher a lecionar direito na Faculdade de Direito da USP (Universidade de São Paulo), primeira mulher a se tornar reitora da Universidade Mackenzie e a primeira ministra de Estado da história do país.

Há catalogado apenas uma mulher na área de agronomia: Victória Rossetti. A sua escolha se deu, devido ela ser a única mulher nessa área de atuação majoritariamente masculina; por ter estudado em Piracicaba, na Escola Superior de Agricultura Luís de Queiroz (ESALQ-USP), sendo a primeira mulher a concluir esse curso no estado de São Paulo.

Niéde Guidon também foi escolhida por ser a única mulher catalogada na área de arqueologia, e a mesma ser uma área majoritariamente masculina, e pela sua grande contribuição na investigação da pré-história no Brasil por vários anos.

E, apesar de possuir 12 mulheres catalogadas na área de medicina, Lily Lages apresentou grandes contribuições na sua área de atuação e foi a primeira mulher titular de uma cátedra em um curso de medicina no país; e pela sua importância na luta à defesa das mulheres e participação da Federação Alagoana pelo Progresso Feminino.

3.1. Ester de Figueiredo Ferraz (1915-2008)

Filha de Odon Carlos de Figueiredo Ferraz e de Julieta Martins de Figueiredo Ferraz, nasceu no dia 6 de fevereiro de 1915, na cidade de Mococa, interior do estado de São Paulo. Ester começou sua formação escolar no Colégio Imaculada Conceição, situado em sua cidade natal, posteriormente, ainda na infância, se transferiu para um colégio da capital, chamado Colégio Notre Dame de Sion. (JUNQUEIRA, CARDOSO).



Imagem 1.
Fonte: MEC

Além dessas instituições, também frequentou o Ginásio Rio Branco e o Ginásio Estadual, e ingressou no Instituto de Educação Caetano de Campos, com o intuito de fazer o curso normal e o aperfeiçoamento de professores. Licenciou em filosofia na Faculdade de Filosofia de São Bento, também frequentou o curso de piano no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. (JUNQUEIRA, CARDOSO).

Ester foi a pioneira em muitas situações, como ser a primeira mulher a ministrar aulas de direito na Faculdade de Direito da USP (Universidade de São Paulo), além de ser a primeira reitora da Universidade Mackenzie, e a primeira ministra do Estado da história do Brasil. E ela explica seu pioneirismo da seguinte maneira: “Alguém tinha que ser a primeira, e aconteceu de ser eu”. (Folha de São Paulo, 2005).

Aos 25 anos de idade em 1940, iniciou o seu curso de direito na Universidade de São Paulo – USP, e se diplomou no ano de 1944. Na sua graduação, recebeu prêmios por ter obtido notas máximas em todas as matérias do curso. Entre o período dos anos 1939 e 1943, ministrou aulas na Escola Normal Caetano de Campos. Após sua formação em advocacia, começou a exercer a profissão no ramo criminal e de família. (JUNQUEIRA, CARDOSO).

Na década de 1950, se tornou a primeira professora do curso de direito da Universidade de São Paulo – USP. Em uma entrevista, Ester contou que no primeiro dia de aula na universidade, a alertaram que poderia haver resistência

por parte dos alunos. De acordo com Ester: “Preparei uma ótima aula. Quando entrei na sala, os alunos se levantaram e bateram palmas. Na minha mesa, havia uma maçã, com um bilhete escrito “na apple for the theacher”, com a tradução: uma maçã para a professora”. (Folha de São Paulo, 2005).

Também na década de 1950, integrou na mesa redonda, a pedido do governador paulista Lucas Nogueira Garcez, para elaborar medidas de combate à prostituição e lenocínio. No ano de 1956, no governo de Jânio Quadros, voltou a fazer parte de uma comissão, que também possuía o intuito de combater o problema de prostituição na capital do estado de São Paulo. (JUNQUEIRA, CARDOSO).

No ano de 1956, já era considerada uma autoridade na área de direito processual penal e penitenciário. Com isso, visitou Portugal a convite do governo do país com o fim de conhecer os institutos penais portugueses. A partir dessas experiências adquiridas, ela escreveu artigos que foram publicados no Diário de São Paulo, abordando a questão penal de Portugal, fazendo relação com os problemas penais do Brasil. Quatro anos após, apresentou um projeto de reforma do Código Civil, sobre a capacidade civil e laborativa da mulher casada, a pedido do Instituto dos Advogados do Brasil (IAB), a reforma foi encaminhada ao Congresso Nacional, onde se tornou fundamental para a promulgação da Lei nº4.121, de 27 de agosto de 1962, conhecida como Estatuto da Mulher Casada. (JUNQUEIRA, CARDOSO).

Em 1961, havia vencido a barreira do magistério no ensino superior, com isso, se tornou professora de direito judiciário na Universidade Mackenzie, e foi a primeira reitora dessa universidade, entre o período de 1965 e 1969. Nessa mesma época, entre 1963 e 1965, se tornou membro do Conselho Estadual de Educação do Estado de São Paulo. (JUNQUEIRA, CARDOSO).

Na década de 1970, começou a fazer parte do Conselho Federal de Educação (CFE), deixando-o no ano de 1982. Em março de 1971 se tornou a primeira secretária da Educação de São Paulo, na qual ficou até o ano de 1973. Em 1981, passou a fazer parte do Conselho Curador da Fundação Roberto Marinho. (JUNQUEIRA, CARDOSO).

No ano de 1982, quando deixou o CFE, e exercia suas funções na advocacia e no ensino, foi convidada para assumir o Ministério da Educação e Cultura (MEC), sendo também pioneira nessa função, como a primeira mulher a ocupar um ministério. Quando assumiu, em uma reportagem da Folha de São Paulo, não quis deixar claro qual seria a política que adotaria no MEC, apenas garantiu que manteria as prioridades que foram dadas pelo ministro Rubem Ludwing, a principal delas seria a prioridade à educação do primeiro grau. (Folha de São Paulo, 1982, p. 5).

Ela definiu como metas a “reforma das universidades federais, a ampliação do ensino superior, mudanças no programa de crédito educativo e a elaboração do orçamento para 1983”. Uma dessas reformas nas universidades federais, seria a aplicação de uma cobrança de anuidade. Prometeu também que haveria diálogo com os professores e alunos. (JUNQUEIRA, CARDOSO).

Ester disse que não haveria problemas em definir o orçamento para 1983, pois isso já havia sido estabelecido na administração anterior. (Folha de São Paulo, 1982, p. 5).

Como educadora sou muito ambiciosa, mas isto não criará nenhum problema entre minha pessoa e a do ministro Delfim Neto. O que é preciso é apenas a compatibilização de interesses – disse ela. (Folha de São Paulo, 1982, p. 5).

Sua indicação para o ministério foi apoiada por um grupo de reitores, os quais destacaram suas qualidades profissionais, e as líderes feministas também apoiaram tal decisão, visto que isso se tornou um sinal de que se abririam novos horizontes para participação ativa das mulheres nos cargos decisórios do país. Apesar de ter sido bem recebida, ela encontrou algumas oposições vindo de alguns reitores, visto que uma de suas metas era o fim do ensino superior gratuito. (JUNQUEIRA, CARDOSO).

Quando questionada sobre qual era a importância da cultura em seu ministério, respondeu que esse assunto não seria negligenciado, uma vez que ela se considerava uma pessoa ligada à arte. Ester se proclamava liberal, mas era amiga da ordem, acreditava que não teria problema com os alunos, visto que quando reitora da Universidade Mackenzie, não teve dificuldades com o

corpo estudantil, revelando que teve um bom relacionamento com eles. (JUNQUEIRA, CARDOSO).

Relacionando seu cargo com o de dona-de-casa, Ester afirmou que a sua rotina sofreria mudanças, e que haveria a necessidade de abandonar seus afazeres domésticos, inclusive as flores, que tanto gostava. Ester demonstrou desejo que sua residência oficial fosse uma casa, para que assim, não ficasse tão distante dos afazeres domésticos. (Folha de São Paulo, 1982, p. 5).

Na reportagem para a Folha, ela se declarou defensora da mulher no seu tempo de universidade:

Hoje a situação da mulher é bem diferente, não precisamos mais de cirurgias profundas para melhorar a situação da mulher no Brasil, apenas algumas pequenas plásticas. (Folha de São Paulo, 1982, p. 5).

Ainda no ano de 1982, quando realizou uma viagem para o Rio de Janeiro, ocorreu uma manifestação dos músicos da Orquestra Sinfônica Nacional (OSN), onde eles solicitavam a revitalização da orquestra. Ester, prometeu se empenhar para ajudar a orquestra, mesmo com o baixo recurso do seu ministério. (JUNQUEIRA, CARDOSO).

Em 1983, aprovou um empréstimo para a Funtevê – Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educação, pois Ester tinha como enfoque a melhora dos programas de televisão relacionado a teleducção. Com isso, em abril desse mesmo ano, saiu do Curadoria da Fundação Roberto Marinho, o qual ela tinha começado a fazer parte em 1981. (JUNQUEIRA, CARDOSO).

Em abril de 1984, Ester se mostrou favorável a validação dos diplomas que foram obtidos em países socialistas, numa discussão que seria realizada no Conselho Federal de Educação. Ela tinha a opinião que não havia mais necessidade da “interferência da Divisão de Segurança e Informações (DSI), órgão ligado ao SNI (Serviço Nacional de Informações), no reconhecimento daqueles diplomas”. (JUNQUEIRA, CARDOSO).

Em maio do mesmo ano, docentes e servidores das universidades federais entraram em greve, e eles lutavam pela igualdade salarial entre as universidades de regime autárquico e de regime fundacional, em respeito as

cargas horárias e as mesmas funções. Os grevistas desgastaram a administração da Ester no ministério, visto que o presidente Figueiredo deu um prazo para que chegasse à uma solução para o impasse, e o ultimato não deu resultado, uma vez que os grevistas continuaram a greve. O movimento se deu por encerrado em agosto de 1984, após várias negociações e da aceitação da pauta de reivindicação do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) e da Associação Nacional de Docentes de Ensino Superior (ANDES). (JUNQUEIRA, CARDOSO).

Durante sua gestão no MEC, foi criada a regulamentação da Emenda Constitucional Calmon, a qual determina percentuais mínimos para a investimentos da União, dos Estados e dos Municípios em educação. (JUNQUEIRA, CARDOSO).

Ester deixou a Educação no ano de 1985, em março. E voltou para o magistério, ministrando aulas na Faculdade de Direito da USP, e voltou à advocacia. Em 1993, recebeu o Colar do Mérito Judiciário do Tribunal de Justiça de São Paulo, e no ano de 1999, recebeu o Troféu Guerreiro da Educação. No ano de 2005, recebeu o título de doutro honoris do Centro Universitário da Cidade (UniverCidade), do reitor Paulo Alonso. (JUNQUEIRA, CARDOSO).

Faleceu no dia 23 de setembro de 2008, em São Paulo, vítima de um AVC, aos 93 anos de idade. Era solteira, não teve filhos. (Folha de São Paulo, 2008).

Cronologia da vida de Ester de Figueiredo Ferraz.

6 de fevereiro de 1915:

Nasceu Ester, filha de Odon Carlos de Figueiredo Ferraz e Julieta Martins de Figueiredo Ferraz, e tinha um irmão João Carlos de Figueiredo Ferraz, o qual foi prefeito de São Paulo entre 1971 a 1973.

1939 a 1943:

Lecionou na Escola Normal Caetano de Campos

1944:

Diplomou-se na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, obtendo grau dez em todas as matérias do curso. Recebeu os prêmios Rodrigues Alves e Livreiro Saraiva por isso;

Começou a exercer a advocacia no ramo criminal e de família.

1951:

Participou de um plano para combater à prostituição e o lenocínio.

1955:

Começou a participar da Comissão Oficial de Reorganização Penitenciária.

1956:

Voltou a participar de assembleia que tinha como foco o combate ao problema de prostituição na capital paulista;

Visitou Portugal para conhecer os institutos penais do país;

Publicou uma série de artigos no *Diário de São Paulo* sobre questão penal envolvendo Portugal.

Setembro de 1960:

Apresentou uma reforma do Código Civil, o qual foi fundamental para a promulgação da Lei nº 4.121, de 27 de agosto de 1962, conhecida como Estatuto da Mulher Casada.

1961:

Tornou-se professora da Universidade Mackenzie.

1963 a 1965:

Foi membro do Conselho Estadual de Educação de São Paulo.

1965 a 1969:

Se tornou reitora da Universidade Mackenzie.

1970:

Se integrou no Conselho Federal de Educação (CFE).

Março de 1971 a 1973:

Nomeada secretária de Educação de São Paulo.

1976:

Escreveu *Alternativas da Educação*

1981:

Começou a fazer parte do Conselho Curador da Fundação Roberto Marinho.

1982:

Parou de fazer parte do Conselho Federal da Educação (CFE);

Recebeu o convite para assumir o Ministério da Educação e Cultura (MEC);

24 de agosto, tomou posse no MEC;

Ocorreu uma manifestação da Orquestra Sinfônica Nacional (OSN), e Ester prometeu ajudar.

1983:

Aprovou um empréstimo para a Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa (Funtevê);

Deixou de fazer parte da Curadoria da Fundação Roberto Marinho;

Escreveu *Caminhos percorridos*.

1984:

Greve em respeito a isonomia salarial dos docentes das universidades federais, a qual desgastou a administração de Ester do MEC.

15 de março de 1985:

Deixou a pasta da Educação;

Voltou ao magistério na USP, e a advocacia.

1993:

Recebeu o Colar do Mérito Judiciário do Tribunal de Justiça de São Paulo.

1999:

Recebeu o Troféu Guerreiro da Educação.

2000:

Escreveu *Falas de Ontem e de Hoje*.

2005:

Recebeu o título de doutor *honoris causa* do Centro Universitário da Cidade (UniverCidade), do reitor Paulo Alonso.

23 de setembro de 2008:

Faleceu em São Paulo, aos 93 anos de idade, vítima de um AVC.

3.2. Lily Lages (1907-2003)

Maria José Salgado Lages, conhecida como Lily Lages, nasceu no dia 17 de junho de 1907, em Maceió, estado de Alagoas. Filha do comerciante José Gonçalves Lages e da pernambucana Maria Salgado Lages. Irmã de quatro, Abeillard, José, Afrânio e Armando. (CHALITA; MEIRELLES, 2009, p. 1).



Imagem 2.
Fonte: ABORL-CCF.

Deu início aos seus estudos no Colégio Coração de Jesus, localizada na sua cidade natal, juntamente dos seus irmãos. Estudou na Academia Santa Gertrudes, fundada em 1912 por religiosas beneditina alemãs, e foi nessa época que ganhou o apelido de Lily, recebido pela Madre Plácida. Ainda nessa época, mostrou seu talento literário, uma vez que escreveu o hino do colégio, além de alguns poemas e peças teatrais. Sua vocação para a medicina, foi percebida pois demonstrava facilidade em dissecar animais que morreram para ver suas entranhas. (CHALITA, MEIRELLES, 2009, p. 1).

Para seguir seus estudos nessa área, Lily encontrou o apoio necessário no advogado da família, Dr. Afrânio Jorge, que ao compreender e demonstrar seu apoio, o pai também concordou com sua decisão, pois antes disso acontecer, um amigo da família dizia para não apoiar Lily, uma vez que, segundo ele, “a medicina materializa muito a mulher. Tive três colegas que até paletó usavam”. (CHALITA, MEIRELLES, 2009, p. 1).

No ano de 1925, se matriculou na Faculdade de Medicina da Bahia, centro de vocações médicas do Nordeste. Nesta época, os pais se mudaram para Salvador, com isso, o seu irmão José, agora também estudante de medicina, ficou responsável pela sua vigilância. (CHALITA, MEIRELLES 2009, p. 1).

Lily Lages foi de extrema importância para a história das lutas das mulheres no Brasil, formou-se em medicina no ano de 1931, e após cinco anos se tornou a primeira mulher titular de uma cátedra em um curso de medicina no país. Era ativa sobre os direitos das mulheres, sendo assim, no ano de 1932,

fundou a Federação Alagoana para o Progresso Feminino. “Por meio de sua atuação política e acadêmica, como autora de livros e artigos sobre medicina e sobre a luta feminina, Lily Lages deixou um imenso legado para a história do país”. (VERÍSSIMO, 2019).

Existem registros de cartas que ela mandava para seu pai durante sua graduação. No ano de 1926, contou a ele, sobre suas aulas de anatomia, onde “quando Dr. Diniz, que estava atrás a ouvir-me disse: “que excelente catedrática!” Oh! Meu paizinho!, vou dizer-lhe um segredo ao ouvido para que a mãezinha não ouça [...] sabe o que é? Essas duas palavras “excelente catedrática” me sugeriram o desejo de algum dia chegar a sê-lo”. (CHALITA, MEIRELLES, 2009, p. 1).

Sempre demonstrou esforço uma vez que isso está relacionado com a inteligência, segundo ela. Então não apresentava cansaço ou desânimo, acreditava que para superar as barreiras do preconceito da sociedade dependia da coragem, então se solidarizou com as lutas feministas. Ainda nos seus registros que mandava à sua família, demonstrava entusiasmo com o curso, dizendo:

“O meu prestígio de Dra. aumenta dia a dia. Ontem recebi um embrulho com doces secos: à Dra. Com gratidão de sua doente Bernadete. Com mais algumas doentes doceiras, engordaria uns 10 quilos, não é verdade?” É divertido ouvir: “a Dra. Tem umas mãos santas, quando aqui cheguei estava em um barulho infernal no ouvido e hoje estou curada” (carta enviada 14/05/1928. CHALITA, MEIRELLES, 2009, p. 2).

No ano de 1931, se formou, recebendo o diploma de Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina, de Farmácia e Odontologia da Bahia. Formada, abriu seu consultório de Otorrinolaringologia no centro de Maceió – Alagoas, e três dias por semana, fazia consultas gratuitas direcionadas a pessoas que não tinha condição de pagar uma consulta, no Dispensório José Duarte. Sua clínica foi aumentando, devido ao reconhecimento que foi recebendo. (CHALITA, MEIRELLES, 2009, p. 2).

Em 13 de maio do ano de 1932, tomou posse da primeira diretoria da Federação Alagoana pelo Progresso Feminino, sendo eleita presidente da organização. Sua participação envolvia a defesa à mulher, defendendo a capacitação, e as protegendo contra as injustiças. Nas reuniões da Federação, organizava palestras abertas à comunidade, envolvendo assuntos sobre a questão feminina. Certo dia, o Professor Arthur Ramos, docente de Psiquiatria da FAMEB, expos sobre “A mulher em face da ciência contemporânea”, intitulado por ele, onde visava demonstrar de maneira científica que a mulher não é superior nem inferior ao homem, mas diferente. Na mesma época, foi nomeada pelo Dr. Eduardo de Moraes, assistente honorária da cadeira de Clínica Otorrinolaringológica, ficando nesse cargo até o ano de 1935. (CHALITA, MEIRELLES, 2009, p. 3).

Em 1934, Lily Lages foi eleita a primeira mulher deputada estadual em Alagoas. Durante sua participação política, sempre lutou pelos mais necessitados:

Lily compreendeu que a política era o caminho para a concretização dos pleitos feministas e de conquistas sociais em favor dos economicamente fracos. Várias vezes referia aos jornalistas que o bem-estar de uma comunidade só podia ser promovido pelo governo e seus participantes. (CHALITA, MEIRELLES, 2009, p.5).

Lily foi responsável por importantes emendas na Constituição do estado, envolvendo a maternidade, infância e saúde, assuntos que ela considerava de extrema importância. Uma das emendas de sua autoria foi a que obrigava o governo a destinar 7% da receita estadual em saúde pública. (VERÍSSIMO, 2019).

Já em 1936, “foi aprovada em concurso para docente livre da cadeira de Clínica ORL na Faculdade de Medicina da Bahia”. Nesse mesmo ano, enviou documentações e títulos ao Ministro das Relações Exteriores, Dr. José Carlos de Macedo Soares, pois tinha interesse de participação no III Congresso Internacional de Otorrinolaringologia, que seria realizado em agosto, em Berlin. Foi escolhida como representante brasileira. Em junho desse ano, foi nomeada “pelo presidente da República Dr. Getúlio Vargas, Delegada do Brasil

ao Congresso, sem ônus para o Tesouro Nacional”. (CHALITA, MEIRELLES, 2009, p.3).

Após o congresso de Berlin, seguiu para a Áustria com o objetivo de estagiar na clínica do Prof. Dr. H. Neumann. Já na universidade de Viena, acompanhou o professor Dr. Karl Eisinger, em um curso teórico-prático sobre Patologia Geral e Terapia das Doenças de Ouvido, Exame Funcional e Otorcirúrgico no cadáver. Também acompanhou o docente Franz Hasslinger em um curso prático-teórico envolvendo Broncoscopia e Esofagoscopia. Viajou para Paris, onde participou de “Reuniões médico-cirúrgicas de morfologia”. (CHALITA, MEIRELLES, 2009, p. 3).

No ano de 1938, transferiu seu escritório, indo para o Rio de Janeiro, onde o instalou. Com o tempo, foi se tornando conhecida através de suas publicações de artigos em revistas. Entre os anos de 1942 a 1962, começou a ministrar aulas na Faculdade Nacional de Medicina, ensinando Neuroanatomia e Anatomia dos órgãos dos sentidos, como professora da cadeira de Anatomia. Em 1950, ficou em 1º lugar em um concurso de especialidade da Clínica Otorrinolaringológica, sendo nomeada médica no Distrito Federal. Permaneceu nessa clínica, por 11 anos, até ser afastada devido a injunções políticas, porém foi readmitida para o cargo depois de oito anos, em 1969. (CHALITA, MEIRELLES, 2009, p. 3).

Durante esse período participou de vários eventos e congressos no exterior, sendo eles: no ano de 1956, viajou para a Europa, e pedido do Hospital CZERNY da Universidade de Heidelberg, a convite do Prof. Becker. Participou do VI Congresso de Otorrinolaringologia, em Washington, no ano de 1957. Em 1961, viajou para a França para assistir ao VII Congresso Internacional de Otorrinolaringologia. Foi para Paris para um curso; Alemanha e Colônia para um congresso. (CHALITA, MEIRELLES, 2009, p. 3).

No dia 3 de março de 1975, recebeu o título de Docente Livre em Otorrinolaringologia, pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mediante ao um curso que ministrou em abril do ano anterior. Também recebeu o diploma de Doutor em Medicina com a tese intitulada como OZENA, que Lily defendeu. (CHALITA, MEIRELLES, 2009, p. 4).

Em relação ao seu talento para a escrita, percebida desde jovem, contribuiu com diversas obras. Na época que trabalhava em Maceió, fez parte da Academia Guimarães Passos, onde teve publicações de cunho médico em livros e periódicos, contribuiu em artigos para o Jornal de Alagoas e da Gazeta de Alagoas. Entre suas obras estão “Beethoven no mundo do silêncio”, “A nova mulher e o problema da infância”, no ano de 1932, “Menores Abandonados e Delinquentes”, em 1937 e “Arthur Ramos: e sua luta contra a discriminação racial”, publicado no ano de 1997. (CHALITA, MEIRELLES, 2009, p. 5)

Lily Lages faleceu no dia 30 de novembro de 2003, no Rio de Janeiro. (VERÍSSIMO, 2019).

Cronologia da vida de Lily Lages

17 de junho de 1907:

Nasceu em Maceió, Estado de Alagoas. Filha do comerciante José Gonçalves Lages e da pernambucana Maria Salgado Lages.

1925:

Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia.

1931:

Se formou em medicina e recebeu o diploma Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina, de Farmácia e Odontologia da Bahia;

Abriu seu consultório de Otorrinolaringologia no centro de Maceió – Alagoas.

1932:

Tomou posse da primeira diretoria da Federação Alagoana pelo Progresso Feminino;

Foi nomeada pelo Dr. Eduardo de Moraes, assistente honorária da cadeira de Clínica Otorrinolaringológica;

Publicou o livro “A nova mulher e o problema da infância”.

1934:

Eleita a primeira mulher deputada estadual em Alagoas.

1935:

Deixa o cargo de assistente honorária da cadeira de Clínica Otorrinolaringológica.

1936:

Aprovada em concurso para docente livre da cadeira de Clínica ORL na Faculdade de Medicina da Bahia;

Participou do III Congresso Internacional de Otorrinolaringologia em Berlin;

Foi nomeada “pelo presidente da República Dr. Getúlio Vargas, Delegada do Brasil ao Congresso, sem ônus para o Tesouro Nacional”;

Foi para a Áustria estagiar na clínica do Prof. Dr. H. Neumann;

Foi para a na universidade de Viena acompanhar o professor Dr. Karl Eisinger, em um curso teórico-prático sobre Patologia Geral e Terapia das Doenças de Ouvido, Exame Funcional e Otocirúrgico no cadáver;

Também acompanhou o docente Franz Hasslinger em um curso prático-teórico envolvendo Broncoscopia e Esofagoscopia;

Viajou para Paris, onde participou de “Reuniões médico-cirúrgicas de morfologia”.

1937:

Publicou o livro “Menores Abandonados e Delinquentes”.

1938:

Transferiu seu escritório para o Rio de Janeiro.

1942 a 1962:

Começou a ministrar aulas na Faculdade Nacional de Medicina, ensinando Neuroanatomia e Anatomia dos órgãos dos sentidos, como professora da cadeira de Anatomia.

1950 a 1961:

Ficou em 1º lugar em um concurso de especialidade da Clínica Otorrinolaringológica, sendo nomeada médica no Distrito Federal.

1956:

Viajou para a Europa a pedido do Hospital CZERNY da Universidade de Heidelberg, a convite do Prof. Becker.

1957:

Participou do VI Congresso de Otorrinolaringologia, em Washington.

1961:

Foi para a França para assistir ao VII Congresso Internacional de Otorrinolaringologia.

1969:

Voltou a trabalhar na Clínica Otorrinolaringológica.

3 de março de 1975:

Recebeu o título de Docente Livre em Otorrinolaringologia, pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1997:

Publicou o livro “Arthur Ramos: e sua luta contra a discriminação racial”.

30 de novembro de 2003:

Lily Lages faleceu no Rio de Janeiro.

3.3. Niéde Guidon (1933)

Niéde nasceu no dia 12 de março de 1933, na cidade de Jaú, interior de São Paulo. Filha do funcionário público Ernesto Francisco Guidon, e da professora Cândida Viana de Oliveira Guidon. A família de seu pai, era da região da Savóia, fronteira da Itália, Suíça e França. Seu pai nasceu na França, igual ao seu avô paterno. Seu avô veio para a cidade de Jaú com o intuito de importar produtos italianos e franceses, como o vinho, azeite de oliva, azeitona e exportava o café. Além desse negócio, também instalou uma fábrica de carroças, sendo a primeira da cidade. Já sua mãe, nasceu em Jaú, mesma cidade em que Niéde nasceu e passou sua infância. (MARTINS, 2011).



Imagem 3.
Fonte: Revista Pesquisa
FAPESP.

Realizou seus primeiros estudos na sua cidade natal, no grupo escolar – como era chamado na época. O curso primário, secundário e o ginásio, ela realizou na cidade de Pirajuí, em São Paulo, visto que seu pai havia sido transferido. Ela foi estudar o Científico em Campinas, São Paulo. (MARTINS, 2011).

No ano de 1954 terminou o Científico, prestando o vestibular para estudar História Natural, na Universidade de São Paulo (USP), e foi nessa época em que se apaixonou pelo estudo dos animais, terra e plantas. Durante a época de graduação, Niéde estudava na parte da noite, e durante o dia trabalhava na parte de administração do Hospital das Clínicas de São Paulo. (MARTINS, 2011).

Já no seu segundo ano de curso, ela começou a substituir professores, dando monitorias, algo que era permitido na época para alunos que possuíam bom rendimento na aula. No ano de 1958, estava formada em História Natural com especialização em Zoologia, começando a trabalhar no magistério secundário na cidade de Itápolis em São Paulo, por concurso. Começou a trabalhar na cidade no ano de 1959, juntamente com quatro colegas, todas se graduaram juntas na USP. Tiveram problemas na cidade, visto que os antigos

professores – que possuíam outra formação, algo que era permitido - eram advogados, farmacêuticos, então acabaram perdendo seus empregos para elas. Além desse fato já causar certo desconforto na cidade, o fato de Niéde e mais duas amigas não frequentarem a missa, acabou agravando a situação, onde passaram a serem classificadas como comunista, algo que era grave na época. (MARTINS, 2011).

No final do mesmo ano, a Secretaria de Educação do Estado, pelos motivos acima citados, achou que seria melhor tirá-las da escola, e as colocou no Museu Paulista da USP –naquele período era conhecido como Museu do Ipiranga – localizado em São Paulo. (MARTINS, 2011).

No momento de chegada dela ao museu, não havia ninguém na área de Arqueologia do Museu, com isso, o diretor alemão Herbert Baldus – um dos fundadores da Antropologia no Brasil – indicou Niéde para assumir esse setor, ao ver que ela era graduada em História Natural. Porém, ela argumentou que seu conhecimento nessa área era pouco, e disse que não poderia trabalhar em algo que não possuía domínio, por esse motivo perguntou para o diretor onde poderia estudar essa área. Baldus respondeu dizendo que só havia cursos dessa área na Inglaterra ou na França. (MARTINS, 2011).

Possuía mais ligações com a França, então procurou a Embaixada da França no Brasil, onde ganhou uma bolsa de estudos, e foi no ano de 1960 estudar Arqueologia em Paris. Depois de três anos, voltou ao Museu Paulista, agora com o diploma de arqueóloga. (MARTINS, 2011).

Em 1963, o prefeito de Petrolina - Pernambuco, Luiz Augusto Fernandes visitou o Museu em que Niéde ainda trabalhava para participar de uma exposição sobre Lagoa Santa³. Nessa ocasião, o prefeito pediu para conversar com a responsável pela Arqueologia, sendo ela. Mostrou a Niéde fotos sobre Piauí, relatando que lá também havia pinturas rupestres. Em suas férias do mesmo ano, ela tentou chegar até o lugar onde o prefeito havia lhe falado, porém havia chovido muito e a ponte sobre o Rio São Francisco havia caído, então não teve sucesso. Voltou para São Paulo sem conseguir chegar no seu

³ Município conhecido pela descoberta dos primeiros restos do homem americano, da raça de Lagoa Santa, que viveu há 25 mil anos.

objetivo, porém não abandonou a ideia de voltar para o Piauí. Ela relatava, que pelas fotos, conseguia ver que eram figuras totalmente diferentes daquelas que se podiam ver em Minas Gerais, uma vez que as imagens eram mais narrativas, mostrando cenas do cotidiano, e retratando animais diferentes. (MARTINS, 2011).

Niéde começou uma pesquisa próxima da cidade de Ribeirão Preto, no interior da cidade de São Paulo, porém seus estudos tiveram que ser interrompidos quando seu contrato com o Museu da USP não foi renovado, no ano de 1964 – momento confuso do país, visto que os militares haviam tomado o poder. (MARTINS, 2011).

Com o fim do seu contrato, começou a procurar trabalho em outros postos, porém foi acusada de pertencer ao Partido Comunista, mas nunca havia se filiado a nenhum partido. Com a acusação, sua tia a incentivou a sair do país, e Niéde relutou, porém sua tia insistiu e a colocou num avião com o destino de França. Iniciou sua carreira nesse país, no ano de 1964. (MARTINS, 2011).

Ainda na França, iniciou seu doutorado, que na época era conhecido como Doutorado de Estado para ter o título de professor. Defendeu sua tese intitulada como “As pinturas rupestres de Várzea Grande, Piauí, Brasil”, em 1975. Ela também foi bolsista do CNRS – Centro Nacional de Pesquisa Científica correspondente ao CNPq brasileiro - até o ano de 1978. Ingressou como Mestre Assistente na Escola de Altos Estudos de Paris, era bolsista de Annette Laming-Emperaire (1917-1977), foi Annette que encontrou o crânio de “Luzia”, em 1975, na Lapa Vermelha VI, gruta de Lagoa Santa em Minas Gerais, o fóssil humano mais antigo da América, com cerca de 11 mil e quinhentos anos. “Luzia” ficou mundialmente conhecida em 1998, quando teve suas feições reconstruídas e foi capa de dezenas de publicações nacionais e internacionais”. (MARTINS, 2011).

Na época que Niéde começou sua bolsa, Annette trabalhava especificamente no Paraná, na Patagônia, e posteriormente, no ano de 1971, iniciou um projeto em Minas Gerais, então ela começou um trabalho paralelamente no Nordeste, especificamente no Piauí, através de sua bolsa de

estudo CNRS. Annette dirigiu o doutorado de Niéde sobre as pinturas do sudeste do Piauí. (MARTINS, 2011).

Com esse trabalho, foi oportuno sua mudança para o Brasil em 1970, onde veio acompanhada da antropóloga Vilma Chiara, com o objetivo de estudar os índios Krahô, no estado de Tocantins. Após essa missão, Niéde foi para o Piauí, para então verificar aquelas pinturas que o prefeito Luiz Augusto, havia lhe falado em 1963. Ela fotografou e fez um levantamento sobre tudo o que possuía conhecimento a respeito da arqueologia no Brasil, e especificamente no estado do Piauí. (MARTINS, 2011).

Para conseguir realizar uma pesquisa sobre isso, ela levou todo o seu levantamento aos seus professores da França e “argumentou tratar-se de região com nenhuma pesquisa e por isso a necessidade de ir até lá”. Em uma entrevista dada Niéde conta sobre os passos para a realização do seu projeto:

“Vi que era realmente uma coisa diferente e que tinha muito a fazer. Fiz toda a documentação necessária para apresentar um projeto a Paris, pedindo formação de uma missão. Esse projeto foi aprovado e era O homem no sudeste do Piauí, da pré-história aos dias atuais, a relação homem-meio. A justificativa do meu projeto era que essa região é uma zona de contato entre duas grandes formações geológicas, com diferenças de meio ambiente muito importantes”. (MARTINS, 2011).

Ela obteve a aprovação dos professores e conseguiu a verba francesa para iniciar as missões. (MARTINS, 2011).

Ao chegar no Brasil, na década de 1970, iniciou suas pesquisas na Serra da Capivara, localizada no Piauí. (BRAGA).

Nesta época, suas pesquisas traziam resultados interessantes entre suas viagens entre França e Brasil, contrariando argumentos de pesquisadores que diziam “não haver material arqueológico no Nordeste”. (GAUDÊNCIO, 2018, p. 80).

No ano de 1986, publicou suas descobertas em uma revista britânica *Nature*, porém se iniciou uma polêmica acadêmica, uma vez que começaram a desconfiar da veracidade dos fatos que foram publicados. Sua equipe

continuaram as pesquisas, e escavaram cerca de 1200m³. Enquanto não surgiram mais estudos e resultados de outros arqueólogos, apareceram hipóteses para apoiar os fatos pesquisados dela, onde consideraram definitivamente que o Parque Nacional da Serra da Capivara é um dos sítios com as mais antigas “evidências de ocupação humana na América”. (GAUDÊNCIO, 2018, p. 83).

No ano de 1979, foi criado o Parque Nacional da Serra da Capivara, depois de ser declarado Patrimônio Cultural da Humanidade. (BRAGA).

Posteriormente, em 1986, criou a Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), com o objetivo de preservar, conservar e divulgar os materiais das pesquisas históricas e arqueológicas da região da Serra da Capivara. Em março de 2018, recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela Univasf (Universidade Federal do Vale do São Francisco), título destinado a pessoas que contribuem para a ciência, arte, cultura ou letras, e que realizaram serviços para a sociedade, comunidade ou universidade. (GAUDÊNCIO, 2018, p. 84).

Recebeu apoio do CNPq e de universidades do país, assim Niéde “investiga há mais de 40 anos a pré-história no Brasil e suas pesquisas são referências fundamentais na arqueologia”. Segundo ela, as pesquisas indicam que o homem “chegou pela desembocadura do Rio Parnaíba, no norte do Piauí, vindo da África”, aproximadamente a 130 mil anos atrás. Ela defende o turismo como fonte de recursos. (BRAGA).

Cronologia da vida de Niéde Guidon

12 de março de 1933:

Nasceu na cidade de Jaú, interior de São Paulo. Filha de Ernesto Francisco Guidon e da Cândida Viana de Oliveira Guidon.

1954:

Terminou o Científico em Campinas;

Prestou o vestibular para estudar História Natural, na Universidade de São Paulo (USP);

Trabalhou na parte de administração do Hospital das Clínicas de São Paulo.

1955:

Começou a substituir professores dando monitoria na Universidade.

1958:

Se formou em História Natural com especialização em Zoologia.

1959:

Começou a trabalhar no magistério na cidade de Itápolis, São Paulo;

Foi transferida para o Museu Paulista da USP pela Secretaria de Educação do Estado.

1960:

Foi estudar Arqueologia em Paris.

1963:

Voltou ao Museu Paulista, agora com o diploma de arqueóloga;

O prefeito de Petrolina - Pernambuco, Luiz Augusto Fernandes visitou o Museu.

1964:

Teve que interromper seus estudos pois seu contrato com o Museu da USP não foi renovado;

Iniciou sua carreira na França onde fez seu doutorado, que na época era conhecido como Doutorado de Estado para ter o título de professor;

Ingressou como Mestre Assistente na Escola de Altos Estudos de Paris, era bolsista de Annette Laming-Emperaire.

1970:

Voltou para o Brasil e foi para o Piauí;

Iniciou suas pesquisas na Serra da Capivara, localizada no Piauí.

1975:

Defendeu sua tese intitulada como "As pinturas rupestres de Várzea Grande, Piauí, Brasil".

1979:

Foi criado o Parque Nacional da Serra da Capivara, depois de ser declarado Patrimônio Cultural da Humidade.

1986:

Criou a Fundação Museu do Homem Americano. (FUMDHAM).

Março de 2018:

Recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela Univasf (Universidade Federal do Vale do São Francisco).

3.4. Victória Rossetti (1917-2010)

Veridiana Victória Rossetti, nasceu no dia 15 de outubro de 1917, em Santa Cruz da Palmeiras, em São Paulo. Filha de imigrantes italianos, seu pai era agrônomo. Ela passou seus primeiros anos na Fazenda Santa Veridiana, e dela que surgiu o seu primeiro nome. Posteriormente foi morar na fazenda Paramirim na cidade de Limeira.

Seus dois irmãos mais velhos também estudaram agronomia. Victória gostava de



Imagem 4.
Fonte: INBEC

contar que o seu interesse pela área começou nessa época, foi assim que nasceu o seu amor pelas plantas, principalmente a fitopatologia. Onde, juntamente com seu pai e seus irmãos, eles estudavam os efeitos que as pragas e as doenças tinham sobre as plantas de sua propriedade. (FEICHTENBERGER, KITAJIMA, BOVÉ, 2010, p. 9).

Seguindo a tradição da família, ela ingressou na Escola Superior de Agricultura Luís de Queiroz (ESALQ), localizada em Piracicaba – São Paulo. Foi a primeira mulher a concluir o curso de agronomia do estado e a segunda do Brasil, se formando no ano de 1939. Depois de formada, começou um estágio com o pesquisador Agesilau Bittencort, renomado fitopatologista do Brasil, no Instituto Biológico do estado, no ano de 1940. Durante seu estágio, seu trabalho era a pesquisa do isolamento de fungos do gênero *Phytophthora* da gomose dos citros. Agesilau reconheceu seu talento, então Victória permaneceu trabalhando no Instituto por mais de sessenta anos. (MELO, RODRIGUES, 2013, p. 36).

No ano de 1947, Victória trabalhou numa pesquisa sobre o surgimento de uma nova doença de citros, e foi se aperfeiçoar nos Estados Unidos onde participou de um curso de Biometria na Universidade da Carolina do Norte, em Raleigh. Já no período entre 1951 a 1952, com a bolsa da Fundação Guggenheim, realizou estudos sobre *Phytophthora*, na Universidade da

Califórnia, inicialmente em Los Angeles. Posteriormente foi em Berkeley com o Dr. Machlis, e para Riverside com o Dr. George A. Zentmyer. A relevância do seu estudo foi reconhecida, e fez com que ela recebesse o prêmio “Sigma Xi Membership”, da Califórnia. (FEICHTENBERGER, KITAJIMA, BOVÉ, 2010, p. 9).

Em 1957, permaneceu no laboratório de Cultura de Tecidos do Dr. Georges Morel, no Instituto Nacional de Pesquisas Agronômicas (INRA), em Versailles, na França, por meio de uma bolsa de pesquisa do governo francês, foi nessa época que realizou um estudo sobre o parasitismo de patógenos do gênero *Phytophthora* e de fungos parasitas obrigatórios de plantas. Já no ano de 1960, “como bolsista da Fundação Rockfeller, realizou pesquisas na Universidade da Califórnia, em Riverside”. Na Flórida, participou da Segunda Conferência da Organização Internacional de Virologistas de Citros (IOCV). No ano seguinte, voltou para a França, novamente com a bolsa do governo francês, para estudar sobre doenças provocadas por vírus e viróides em citros, juntamente com o pesquisador francês Dr. Joseph M. Bové, eles se tornaram amigos. Em 1967, participou de outra bolsa de estudo, para novamente estudar sobre várias doenças de citros. (FEICHTENBERGER, KITAJIMA, BOVÉ, 2010, p. 9).

Entre os anos de 1966 e 1967, Victória foi contratada pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura (FAO), com o cargo de fitopatologista, assistente da Divisão de Defesa Sanitária Vegetal, onde a sede era na Itália, em Roma, e nesse período foi responsável pela edição de três séries do Boletim Internacional de Proteção de Plantas. Também organizou a IV Conferência da IOCV, com seus colegas italianos e o Dr. Joseph Bové, que tinha como intuito sessões formais de apresentação de trabalhos em Roma (FAO). Segundo depoimentos de membros da Conferência da Organização Internacional de Virologistas de Citros (IOCV), a organizada por Victória foi uma das melhores já organizadas. (FEICHTENBERGER, KITAJIMA, BOVÉ, 2010, p. 9).

Ela participou ativamente das atividades da IOCV, por durante quase 40 anos, sempre com muita dedicação. De acordo com o Dr. Joseph Bové, ela foi

“uma fervorosa e dedicada defensora da organização”. Suas contribuições foram muito importantes, como as citadas anteriormente, também participou em conjunto com outros colegas brasileiros da III Conferência da IOCV, realizada em Campinas e São Paulo, no ano de 1963. (FEICHTENBERGER, KITAJIMA, BOVÉ, 2010, p. 10).

Em 1970 até 1973, foi eleita como Presidente da Associação Latino Americana de Fitotecnia (ALAF, atualmente ALCA). Do ano de 1973 até 1980, exerceu o cargo de Coordenadora do Comitê Nacional da ALCA. (FEICHTENBERGER, KITAJIMA, BOVÉ, 2010, p. 10).

Victória marcou presença em vários eventos científicos nacionais e internacionais, principalmente aqueles relacionados a citros e suas patologias. No ano de 1982, durante o XV Congresso Brasileiro de Fitopatologia recebeu homenagens da Sociedade Brasileira de Fitopatologia (SBF). No ano de 1983 também foi homenageada pelas suas contribuições e a fitopatologia paulista e brasileira no V Congresso Paulista de Fitopatologia. Ainda nesse ano, organizou junto com parceiros brasileiros e argentinos as programações de pré-conferência no Brasil e de pós-conferência na Argentina, na IX Conferência da IOCV, onde as apresentações ocorreram na Argentina, Iguazu. No ano seguinte ajudou na organização do VI Congresso Internacional de Citricultura, em São Paulo. Em 1985, durante o XVIII Congresso Brasileiro de Fitopatologia, recebeu homenagens pelos serviços prestados a SBF e a fitopatologia brasileira. (FEICHTENBERGER, KITAJIMA, BOVÉ, 2010, p. 9).

Victória participou de mais de 90 congressos no país e no exterior. Apresentando pesquisas de contribuições científicas, coordenando ou participando de comitês e comissões. Durante sua participação na Organização Internacional de Virologistas de Citros (IOCV), ela sempre buscou preservar a participação, procurando recursos na iniciativa privada, uma vez que os recursos oficiais não eram suficientes. Ela não pensava somente na participação dos pesquisadores nos eventos, mas sim na continuidade das pesquisas feitas pelas pessoas da equipe. (FEICHTENBERGER, KITAJIMA, BOVÉ, 2010, p. 10).

Sua contribuição para sua área de atuação foi importante visto que ela publicou mais de 450 trabalhos, incluindo artigos científicos, artigos e boletins técnicos. Também publicou dois livros e aproximadamente 10 capítulos de livros no país e no exterior. Participou de diversos projetos de pesquisa em níveis nacionais e internacionais. Era uma pessoa muito generosa, e chamava seus orientadores de “meus mestres”, sempre demonstrando gratidão e dedicava a eles o verso de Dante da “Divina Comédia”, onde diz: “Tu és meu Mestre e meu Autor. Tu és aquele de quem absorvi os ensinamentos que tanto me honram”. (FEICHTENBERGER, KITAJIMA, BOVÉ, 2010, p. 11).

Pela sua participação, recebeu diversos prêmios e homenagens a respeito de sua contribuição para as patologias dos citros, nacional e internacional. Porém, alguns recebem destaques especiais, como: Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências e condecoração com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico, em 2004. Membro da Academia Nacional de Agricultura em da Itália em 1976. Membro da “Associação Sigma XI, pela Universidade da Califórnia nos Estados Unidos, em 1957; Professora Honorária da Universidade da Flórida, EUA, no ano de 1987; Servidora Emérita do Estado de São Paulo em 1988; no ano de 1993, Prêmio “Frederico de Menezes Veiga”, da EMBRAPA; em 1999, Medalha “Luiz de Queiroz” pela ESALQ/USP; Título de Engenheiro Agrônomo do ano, pela Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo, em 1982 e em 2008, “Fellow” da IOCV. (FEICHTENBERGER, KITAJIMA, BOVÉ, 2010, p. 11).

Faleceu aos 93 anos, no dia 26 de dezembro de 2010 com pneumonia, deixando um legado importante para a área de fitopatologia. (FEICHTENBERGER, KITAJIMA, BOVÉ, 2010, p. 11).

Cronologia da vida de Victória Rossetti

15 de outubro de 1917:

Nasceu em Santa Cruz da Palmeiras, em São Paulo. Filha de imigrantes italianos.

1939:

Se formou na Escola Superior de Agricultura Luís de Queiroz (ESALQ), localizada em Piracicaba – São Paulo

1940:

Começou um estágio no Instituto Biológico do estado de SP.

1947:

Realizou uma pesquisa sobre o surgimento de uma nova doença de citros;

Foi para os Estados Unidos onde participou de um curso de Biometria na Universidade da Carolina do Norte, em Raleigh.

1951 a 1952:

Realizou estudos sobre *Phytophthora*, na Universidade da Califórnia, inicialmente em Los Angeles;

Foi para Berkeley com o Dr. Machlis, e para Riverside com o Dr. George A. Zentmyer;

Recebeu o prêmio “Sigma Xi Membership”, da Califórnia.

1957:

Permaneceu no laboratório de Cultura de Tecidos do Dr. Georges Morel, no Instituto Nacional de Pesquisas Agronômicas (INRA), em Versailles, na França;

Realizou um estudo sobre o parasitismo de patógenos do gênero *Phytophthora* e de fungos parasitas obrigatórios de plantas;

Recebeu o prêmio “Membro da “Associação Sigma XI” pela Universidade da Califórnia nos Estados Unidos.

1960:

Realizou pesquisas na Universidade da Califórnia, em Riverside, como bolsista da Fundação Rockefeller;

Participou da Segunda Conferência da Organização Internacional de Virologistas de Citros (IOCV), na Flórida.

1961:

Voltou para a França, para estudar sobre doenças provocadas por vírus e viróides em citros, junto com o pesquisador francês Dr. Joseph M. Bové.

1963:

Participou em conjunto com outros colegas brasileiros da III Conferência da IOCV, realizada em Campinas e São Paulo.

1966 a 1967:

Foi contratada pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura (FAO), com o cargo de fitopatologista, assistente da Divisão de Defesa Sanitária Vegetal, onde a sede era na Itália, em Roma;

Participou de outra bolsa de estudo, para novamente estudar sobre várias doenças de citros;

Ficou responsável pela edição de três séries do Boletim Internacional de Proteção de Plantas;

Organizou a IV Conferência da IOCV.

1970 a 1973:

Foi eleita como Presidente da Associação Latino Americana de Fitotecnia (ALAF, atualmente ALCA).

1973 a 1980:

Exerceu o cargo de Coordenadora do Comitê Nacional da ALCA.

1976:

Recebeu o prêmio “Membro da Academia Nacional de Agricultura” da Itália.

1982:

Recebeu homenagens da Sociedade Brasileira de Fitopatologia, no XV Congresso Brasileiro de Fitopatologia;

Ganhou o Título de Engenheiro Agrônomo do ano, pela Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo.

1983:

Foi homenageada pelas suas contribuições e a fitopatologia paulista e brasileira no V Congresso Paulista de Fitopatologia;

Organizou junto com parceiros brasileiros e argentinos as programações de pré-conferência no Brasil e de pós-conferência na Argentina, na IX Conferência da IOCV, onde as apresentações ocorreram na Argentina, Iguazu.

1984:

Ajudou na organização do VI Congresso Internacional de Citricultura, em São Paulo.

1985:

Recebeu homenagens pelos serviços prestados a SBF e a fitopatologia brasileira, no XVIII Congresso Brasileiro de Fitopatologia.

1987:

Recebeu o prêmio Professora Honorária da Universidade da Flórida, EUA.

1988:

Recebeu o prêmio Servidora Emérita do Estado de São Paulo.

1993:

Recebeu o prêmio “Frederico de Menezes Veiga”, da EMBRAPA.

1999:

Ganhou a Medalha “Luiz de Queiroz” pela ESALQ/USP

2004:

Recebeu o prêmio “Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências e condecoração com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico”.

2008:

Ganhou o prêmio “Fellow” da IOCV.

26 de dezembro de 2010:

Aos 93 anos de idade, faleceu com pneumonia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pesquisa, a sociedade sempre construiu representações para as mulheres. E elas sempre foram desvalorizadas, tidas como sombras de grandes homens, onde elas eram destinadas ao silêncio.

As lutas enfrentadas pelas mulheres para possuírem os mesmos direitos que os homens, vem ocorrendo a muito tempo, onde aos poucos elas foram conquistando espaços que antes eram destinados apenas a eles, como a luta das quatro personalidades apresentadas no trabalho, para alcançar todas as conquistas que vivenciaram.

A partir das catalogações apresentadas nessa pesquisa, foi possível ver a quantidade de mulheres pertencentes àquelas profissões durante a época de pesquisa do *dicionário*.

Na pesquisa, é apresentado que Ester de Figueiredo Ferraz foi a primeira professora do curso de Direito da Universidade de São Paulo – USP, na década de 1950, foi alertada que poderia sofrer resistência por parte dos alunos. Atualmente, de acordo com o Quadro de Advogados da OAB (Ordem de Advogados do Brasil), o maior número de advogados no Brasil, são o grupo das mulheres, numa porcentagem de 47,57%, enquanto os homens representam 46,38%. (OAB, 01/09/2019)⁴

Já na área de medicina, Lily Lages recebeu apoio para seu estudo, após o advogado da família a incentivar, enquanto um amigo próximo demonstrava descontentamento ao dizer que a medicina materializava muito a mulher. Atualmente, segundo uma pesquisa realizada pela Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), o número de mulheres que entram no curso de medicina é maior que dos homens, desde o ano de 2009. Além disso, a mesma pesquisa estima que até 2028, o número entre os dois sexos nessa área será equivalente. (BERNARDES, 2013).

⁴ A página da OAB, é programada para ser atualizada todos os dias às 00:01.

Na área de arqueologia, correspondente a Niéde Guidon, a única mulher catalogada no *dicionário*, existe o termo “arqueologia do gênero”, onde o foco é sobre mulheres nessa área de atuação. No ano de 1988, foi organizado uma conferência para tratar do assunto entre os profissionais dessa área, e poucos haviam considerado anteriormente questões que envolvessem mulher e gênero. Todavia, após essa conferência, foram relatados bons resultados a respeito do assunto por parte dos participantes, onde alegaram que buscariam mudanças sobre o que haviam aprendido na conferência, se iniciando análises sobre questão do gênero e divisões de trabalho dentro da área de arqueologia. (WYLIE, 2017, p. 19).

Victória Rossetti, foi a primeira mulher a concluir o curso de agronomia no estado de São Paulo. Atualmente, entre os anos de 2001 a 2010, apenas 37% dos formados em agronomia são mulheres, enquanto os homens correspondem a 63% nesse mesmo período. (SZOLLOSI, DIAS, 2017, p. 10).

Nos dados obtidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em meados de 1950, a população brasileira era composta por 50,4% de mulheres, e, dentre elas, apenas 13,6% eram consideradas economicamente ativas. Embora as mulheres sejam maioria na população até os dias atuais, em uma última pesquisa realizada pelo IBGE, elas ainda continuam sendo minoria no mercado de trabalho, mas possuem um maior nível de escolaridade em relação aos homens, visto que, as mulheres ocupam a maioria das vagas nas universidades, sendo 55,1% dentre os estudantes brasileiros (IBGE, 2010).

Apesar desses dados, são os homens que ocupam a maior parte no mercado de trabalho, o que ocasiona uma dicotomia na oferta e procura da ocupação de vagas, e pode-se inferir que existe preconceito em relação a isso, sendo esse fato oriundo do estereótipo de séculos passados que, ainda, estão presentes na sociedade patriarcal brasileira no século XXI.

As mulheres vêm conquistando seu espaço na sociedade, como podemos constatar a partir dos dados apresentados pelo IBGE, onde elas vêm representando cada vez mais uma parcela significativa no mercado de trabalho brasileiro nos últimos anos. Assim como sua conquista de espaço nas áreas do direito e da medicina, onde foi constatado o crescente número de mulheres

nessas profissões. Paradoxalmente, elas são a maioria na população, porém ainda a minoria no mercado de trabalho. Sendo assim, a luta feminista busca a reivindicação de direitos iguais entre os homens e as mulheres, lutando para a construção de uma sociedade igualitária no mercado de trabalho, dentre outros pontos, onde existe a discriminação entre os sexos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agência FAPESP. Victoria Rossetti morre aos 93 anos. 28 dez. 2010. Disponível em: <<http://agencia.fapesp.br/victoria-rossetti-morre-aos-93-anos/13243/>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

A ministra Esther de Figueiredo Ferraz. Estadão – Portal do Estado de São Paulo. Acervo Estadão. 08 mar. 2018. Disponível em: <<https://fotos.estadao.com.br/fotos/acervo,a-ministra-esther-de-figueiredo-ferraz,853380#>>. Acesso em: 01 set. 2019.

ANDRADE, T. **Mulheres no mercado de trabalho: onde nasce a desigualdade?**. Consultoria Legislativa. Câmara dos deputados. Julho. 2016. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/estudos-e-notas-tecnicas/publicacoes-da-consultoria-legislativa/areas-da-conle/tema7/2016_12416_mulheres-no-mercado-de-trabalho_tania-andrade>. Acesso em: 20 nov. 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL. Comitê de História da ORL. ABORL – CCF. Chalita, S. L; Meirelles, R. C. Lily Lages. 2019. Disponível em: <https://www.aborlccf.org.br/imageBank/Lily_Lages.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019

BATISTA, K. F. M. **Julia Lopes de Almeida e a Educação da Mulher nos Livros das Noivas e das Donas e Donzelas**. São Gonçalo. 2012. Disponível em: <<http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/KFMB.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2018.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo II: a experiência vivida**. 2º edição. São Paulo. Editora: Difusão Europeia do Livro. 1967.

BERNARDES, J. Presença feminina na medicina aumenta no Brasil, revela pesquisa da FMUSP. 23 ago. 2013. Agência USP de notícias. Disponível em: <<https://www5.usp.br/31644/presenca-feminina-na-medicina-aumenta-no-brasil-revela-pesquisa-da-fmusp/>>. Acesso em: 01 set. 2019.

BRASIL. Arquivo Nacional. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Série Mulheres e o Arquivo: Lily Lages**. Tassia Verissimo. 2019. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/br/ultimas-noticias/1593-serie-mulheres-e-o-arquivo-lily-lages.html>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

BRASIL. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Morre aos 93 anos Esther de Figueiredo Ferraz**. 24 set. 2008. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=299027>>. Acesso em: 20 jun. 2019

BRASIL. CNPq. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. BRAGA, M. L. de S. Niède Guidon. Disponível em: <http://memoria.cnpq.br/web/quest/pioneiras-view/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/1690493>. Acesso em: 20 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Galeria de Ministros – Ministra Esther de Figueiredo Ferraz. 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13485. Acesso em: 25 ago. 2019.

BRASIL. Ordem de Advogados do Brasil – OAB. Institucional/Quadro de Advogados. 01 set. 2019. Disponível em: <https://www.oab.org.br/institucionalconselhofederal/quadroadvogados>. Acesso em: 01 set. 2019.

CHAVES, L. R. Niéde Guidon: “Inauguro o Museu da Natureza e vou descansar”. Pesquisa FAPESP. Edição 272. Out. 2018. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2018/10/17/niede-guidon-inauguro-o-museu-da-natureza-e-vou-descansar/>. Acesso em: 01 set. 2019.

CUNHA, W. D. S; SILVA, R. L. V. A educação feminina do século XIX: entre a escola e a literatura. **Revista Gênero**. Niterói, v. 11, n. 1, p. 97-106, 2. sem. 2010. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/download/62/40>. Acesso em: 25 jun. 2019.

DAUPHIN, C. et al. A história das mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia. **Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero - NUTEG**. Niterói: EdUFF. 2000. V. 2, n. 1, p. 7-30. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/historia_das_mulheres_nuteg.pdf. Acesso em: 01 nov. 2018.

DUBY, G.; PERROT, M. **História das Mulheres: A Antiguidade**. 4ª edição. Edições Afrontamentos, Ltda. 1990

FEICHTENBERGER, E.; KITAJIMA, E. W.; BOVÉ, J. Summa Phytopathologia. Conferência da Organização Internacional de Virologistas de Citros (IOCV). Victoria Rossetti. Botucatu, v. 37, n. 1, 2010.

FGV CPDOC. JUNQUEIRA, E.; E. D. CARDOSO. **Ester Figueiredo Ferraz**. Disponível em: <http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/dicionarios/verbete-biografico/ferraz-ester-figueiredo>. Acesso em: 30 jun. 2019.

FGV CPDOC. MARTINS, A. M. F. **Parque Nacional da Serra da Capivara: patrimônio cultural da humanidade**. 2011. Niéde Guidon. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/9309?show=full>. Acesso em: 30 jun. 2019.

Folha de São Paulo. Acervo Folha. 24 ago. 1982. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=8143&keyword=Ferraz%2CFigueiredo%2CEster&anchor=4199726&origem=busca&mather=4244dfde1ecdd110&pd=7ff93f6e885bfdadc1ff2682a06ac11d>. Acesso em: 27 ago. 2019.

FRANZOI, N. L. Profissão. 2006. Dicionário da Educação Profissional em Saúde. Disponível em: <https://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/pro.html>. Acesso em: 28 nov. 2019.

GALVÃO, A. M.O.; LOPES, E. M. T. **Território Plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

GAMPER, G. Niéde Guidon e seu intenso trabalho na Serra da Capivara. 8 mar. 2019. Disponível em: <<https://ambiental.tur.br/blog/niede-guidon-e-seu-intenso-trabalho-na-serra-da-capivara/>>. Acesso em: 01 set. 2019.

GAUDÊNCIO, J. S. Niéde Guidon: a cientista brasileira responsável pelo tesouro arqueológico nacional. História da Ciência e Ensino. Construindo Interfaces. v. 18 (especial), 30 jun. 2018, p. 76-87.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas**. 8 de março de 2010. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho e Rendimento/Pesquisa Mensal de Emprego/Estudos/Mulher Mercado Trabalho Perg Resp.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Mensal_de_Emprego/Estudos/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp.pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2018.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M. D. **História das mulheres no Brasil**. 5ª edição. São Paulo. Editora Contexto. 2001. p.443-481

MELO, H. P.; RODRIGUES, L. M. C. S. **Pioneiras da Ciência do Brasil**. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. SBPC/RJ. 2013. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/site/publicacoes/outras-publicacoes/livro_pioneiras.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2019.

Mulheres no Comando. **Folha de São Paulo**. Antônio Gois. 2005. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0803200521.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

Mulheres que ocupam cargos tradicionalmente masculinos. **Jornal Gazeta do Povo**. ENTSCHEV, B. 2014. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/talento-em-pauta/mulheres-que-ocupam-cargos-tradicionalmente-masculinos-2/>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

Niéde Guidon: “Inauguro o Museu da Natureza e vou descansar”. Revista Pesquisa FAPESP. PIVETTA, M. Edição 272. Outubro 2018. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/2018/10/17/niede-guidon-inauguro-o-museu-da-natureza-e-vou-descansar/>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

Novos ministros assumem hoje. **Folha de São Paulo**. 24 de agosto de 1982. Acervo Folha. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=8143&keyword=Ferraz%2CFigueiredo%2CEster&anchor=4199731&origem=busca&matter=4244dfde1ecdd110>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

PRIORE, M. D. **A mulher na história do Brasil**. 4ª. edição. São Paulo. Editora Contexto. 1994.

PRIORE, M. D. **História das mulheres no Brasil**. 5ª. edição. São Paulo. Editora Contexto. 2001.

Primeira ministra do país morre ao 93. **Folha de São Paulo**. 2008. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2409200810.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

SILVA, T. M. G. Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil. **Politéia - História e Sociedade**, [S.l.], v. 8, n. 1, ago. 2010. ISSN 2236-8094. Disponível em: <<http://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/3871>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

SZOLLOSI, T. D.; DIAS, M. S. L. Trajetória socioprofissional da mulher na agronomia: uma questão de renda e da satisfação profissional. Caderno de Gênero e tecnologia. Curitiba. v. 10, n. 36, p. 5-27, jul./dez. 2017.

SCHUMAHER, S.; BRAZIL, E. T. V. **Dicionário das Mulheres do Brasil**. Editora Zahar. 2000.

TREIGHER, T. Conheça a história da engenheira agrônoma Victoria Rossetti, uma das maiores autoridades em Fitopatologia do Brasil. INBEC – Pós-Graduação. 18 out. 2018. Disponível em: <<https://inbec.com.br/blog/conheca-historia-engenheira-agronoma-victoria-rossetti-uma-maiores-autoridades-fitopatologia-brasil>>. Acesso em: 20jul. 2019.

WYLIE, A. ScientiaeStudia. Os que conhecem, conhecem bem: teoria do ponto de vista e arqueologia de gênero. São Paulo. v. 15, n.1, p. 13-38, 2017.

ANEXO



Ester de Figueiredo Ferraz, primeira mulher a ocupar o cargo de ministra no Brasil.

Imagem 5.
Fonte: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.



Lily Lages junto com o irmão José, também estudante de medicina.

Imagem 6.
.Fonte: ABORL-CCF



Niéde Guidon na caverna da Toca do Antônio, Serra da Capivara – Piauí.

Imagem 7.
Fonte: Ambiental Turismo.



Victória Rossetti, pioneira nos estudos sobre doenças em plantas cítricas.

Imagem 8.
Fonte: Agência FAPESP

Professor Dr. Jorge Luís Mialhe
Professor Orientador

Lavínia Ferreira do Amaral Gurgel
Graduanda em Pedagogia